

## ***Entre nós* – entre o filme-ensaio e a alteridade de gênero e sexualidade<sup>4</sup>**

Adriel Diniz dos Reis<sup>5</sup>

Alessandra Macedo de Brito<sup>6</sup>

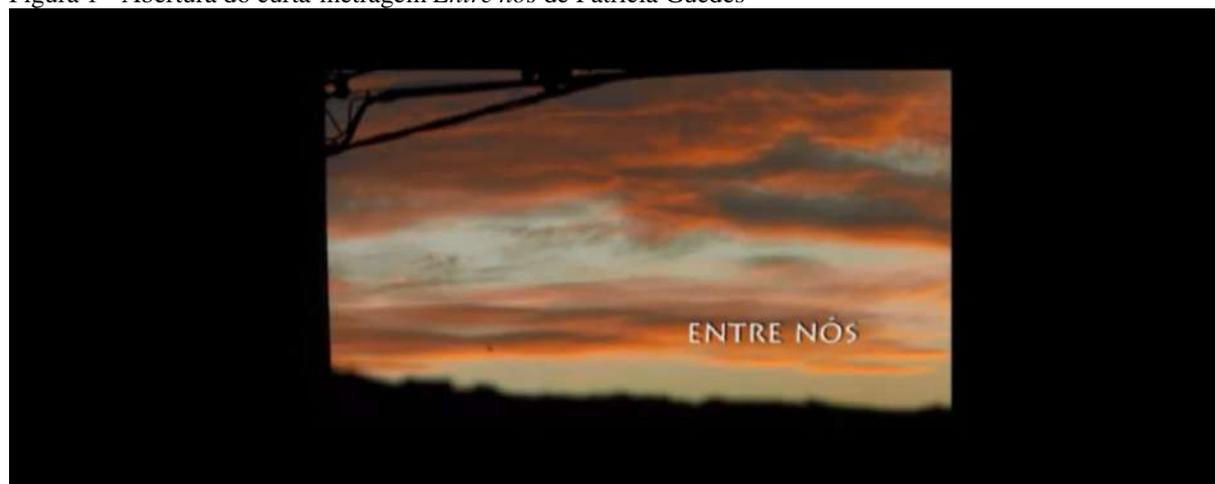
Universidade Federal de Goiás (UFG)

Universidade Estadual de Goiás (UEG)

**Resumo:** *Entre nós* é um filme-ensaio de curta-metragem dirigido por Patrícia Guedes em 2015. A obra audiovisual é um retrato da alteridade partilhado da descoberta feminina sexual da cineasta. Interessa-nos, portanto, através de revisão bibliográfica e análise fílmica, discutirmos: (1) o traço ensaístico no cinema, a partir das reverberações propostas por Timothy Corrigan, Francisco Elinaldo Teixeira e Jean-Louis Comolli; como também (2) a alteridade da sexualidade feminina a partir da perspectiva de teóricas de Gênero e Sexualidade como Jules Falquet, Miriam Grossi, Dorotea Grijalva, Cheryl Clarke e Audre Lorde.

**Palavras-chave:** Entre nós. Filme-ensaio. Gênero e Sexualidade.

Figura 1 - Abertura do curta-metragem *Entre nós* de Patrícia Guedes



Fonte: Frame do vídeo (00m06s)

<sup>4</sup> Trabalho apresentado ao II SEJA – Gênero e Sexualidade no Audiovisual realizado de 22 a 24 de novembro de 2017, na UEG Goiânia Câmpus Laranjeiras.

<sup>5</sup> Doutorando em Performances Culturais no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Performances Culturais (PPGIPC), da Faculdade de Ciências Sociais (FCS), da Universidade Federal de Goiás (UFG). Mestre em Performances Culturais (2012 – 2015) na Escola de Música e Artes Cênicas (EMAC), da UFG. Discente do curso de Especialização em Cinema e Audiovisual: Linguagens e Processos de Realização na Universidade Estadual de Goiás (UEG). Especialista em História Cultural: Imaginário, Identidades e Narrativas (2011 – 2012) na Faculdade de História (FH), da UFG. Bacharel em Artes Cênicas – Interpretação Teatral (2002 – 2005) na EMAC, da UFG. É bolsista Demanda Social da CAPES pelo PPGIPC/UFG. E-mail: dinizadriel@yahoo.com.br.

<sup>6</sup> Servidora efetiva da Secretaria Municipal de Educação e Esporte de Goiânia. Especialista em Planejamento Educacional e Literatura Brasileira, ambas na Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO). Graduanda em Ciências Sociais – Bacharelado em Políticas Públicas, pela FCS, da UFG. É Bacharel em Artes Cênicas – Interpretação Teatral (2002 – 2005) na EMAC, da UFG e Licenciada em Pedagogia (1994 – 1997) na Faculdade de Educação (FE), da UFG. E-mail: alearttes@hotmail.com.



*Entre nós* é um filme-ensaio de curta-metragem goiano dirigido pela cineasta Patrícia Guedes em 2015 como trabalho de conclusão de curso da Graduação em Comunicação Social: Audiovisual pela Universidade Estadual de Goiás (UEG) campus Laranjeiras. A obra audiovisual como nomina Guedes é um documentário experimental sobre identidades homossexuais e amigáveis, aqui discutido nesta comunicação como um filme-ensaio, por entender que, (1) a cineasta partilha em sua obra artística de características tão intrínsecas ao ensaio no cinema na qual reverbera as discussões propostas pelos pesquisadores Timothy Corrigan, Francisco Elinaldo Teixeira e Jean-Loius Comolli; (2) partindo do pressuposto que, todo experimental é um ensaio, mas nem todo ensaio é um experimental; por estas e outras razões, ao discutirmos Gênero e Sexualidade estaremos aproximando as inúmeras questões ao campo do ensaio no cinema, para partilhar esse conceito tão intrínseco em *Entre nós*.

Para iniciarmos nossas discussões, partimos do sentido de alteridade, desta condição do que é o outro, e que esse outro nem sempre se assemelha a nós, mas, inúmeras vezes distintas, contrárias à nossa formação<sup>7</sup>. Aqui nossas discussões esta povoada não no que se assemelha a nós, mas está em nós, é do agora que se dá a experiência, essa distinção que parte da relação estruturada socialmente para o que está em descoberta. Abordaremos ao longo deste ensaio, naquilo que inúmeras vezes devemos reconstruir diante do que é construído cotidianamente, deste tema tão caro que é falar de Gênero e Sexualidade, principalmente, no tocante à homossexualidade feminina, no que está contemplado todo enredo de *Entre nós* da cineasta Guedes.

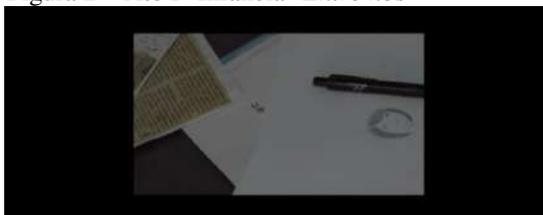
A obra audiovisual é um retrato da alteridade partilhado na descoberta feminina sexual da cineasta. “Os vazios as descobertas” (Guedes, 2015), esta experiência partilhada da cineasta esta impressa em várias imagens figurativas<sup>8</sup> e cotidianas retratadas neste filme-ensaio. Dividido em três atos, pensando que, o curta-metragem *Entre nós* apresenta a subjetividade particular sexual da realizadora em três momentos marcantes como: (1) a primeira relação na infância; (2) os problemas das descobertas e confusões na adolescência; e a (3) maturidade da consciência na vida adulta.

<sup>7</sup> Formação aqui é entendida como estrutura social, do que aprendemos cotidianamente no convívio social.

<sup>8</sup> Figurativismo ou arte figurativa são os termos usados para descrever as manifestações artísticas que representam: a forma humana, os elementos da natureza e os objetos criados pelo homem. (LITTLE, Stephen. ...*Ismos – Entender a arte*. Lisma: 2007, 160pp.)

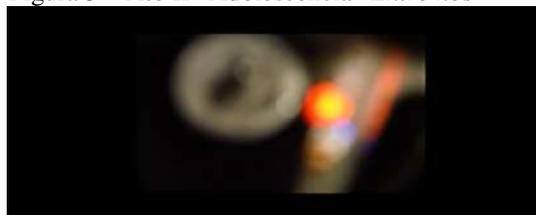


Figura 2 – Ato I "Infância" *Entre nós*



Fonte: Frame do vídeo (01m55s)

Figura 3 – Ato II "Adolescência" *Entre nós*



Fonte: Frame do vídeo (03m34s)

Figura 4 – Ato III "Adulta" *Entre nós*



Fonte: Frame do vídeo (05m51s)

A alteridade da sexualidade feminina então é discutida a partir da perspectiva de teóricas de Gênero e Sexualidade como: Jules Falquet, Miriam Grossi, Dorotea Grijalva, Cheryl Clarke e por fim, Audre Lorde. Com grades, sombras e diversas imagens retorcidas e distorcidas retratam de maneira brilhante e com um olhar tão profundo esta complexidade que é falar de Gênero e Sexualidade.

Falar sobre o corpo, seus sentimentos, sentidos, desejos e repulsas é uma busca constante desde a terna idade e os questionamentos são inúmeros, como: Mas que corpo é esse? O corpo reprimido? O corpo resistente? O corpo em descoberta? O corpo político? O corpo que fala ou não? O meu corpo? O corpo social? De que corpo estou falando?

Guedes de forma tão singela, produz pela sua voz, a força da resistência que deve ser tirada de dentro de nós. Em todas as ações, espaços, lugares, falas e escritas. É nesse sentido que o espaço acadêmico nos permite expor este trabalho simples, mas profundamente inventivo, dialogado. Entender o território, sua visibilidade e todas as nuances de lutas e opressões para a conquista da “liberdade”, reconhecimento, despertar e re-despertar. Nem que seja a passos lentos, é necessário transformar as imagens distorcidas e grades *Entre nós* em visões possíveis de debates e visibilidades. Jules Falquet em *Romper o tabu da heterossexualidade: contribuições da lesbianidade como movimento social e teoria política* (2012), revela que:



Devemos nos alegrar com a atual multiplicação dos movimentos e das pesquisas sobre a/s sexualidade/s, cujo um dos méritos, e não o menos importante, é tornar cada dia mais visíveis todos os tipos de práticas e de pessoas que, no mundo inteiro, corajosamente contestam a ordem sexual existente. (Falquet, 2012, p. 01).

Em relação aos conceitos centrais dos estudos de Gênero e Sexualidade e estudos sobre Mulheres, neste caso, em questão à homossexualidade feminina é amplo, complexo, mas, necessário, diferentes pontos de vista para ampliarmos os debates no interior destes congressos. Existem vários trabalhos sobre Gênero e Sexualidade, mas definir um campo de estudo lésbico é um processo necessário e importante a ser discutido na academia, para que possamos ter o espaço de diálogo e tentar reconstruir toda a aniquilação social, histórica e cultural que as mulheres, principalmente às lésbicas, não tiveram possibilidade de falar.

Figura 5 - Pichação *Entre nós*



Fonte: Frame do vídeo (08m30s)

Pensar em um filme-ensaio no retrato de sua própria vida é um olhar que não poderíamos deixar de citar. *Entre nós* tem que ser visto e revisto, pois, suas formas tão variadas de cenas, abordam toda esta limitação que nos obrigam a silenciar e que hoje, tem tornado objeto de estudo em vários campos de pesquisas, nas universidades.

E é sua voz, em primeira pessoa, partindo de um problema tão particular para uma esfera pública, possibilitando “voz” a tantas “vozes”, que caracterizamos *Entre nós* como um filme-ensaio, destacando que de acordo com Timothy Corrigan em sua obra *O filme-ensaio: desde Montaigne e depois de Marker* (2015), “De Montaigne até Barthes e Marker, a história do ensaio oferece uma longa lista de exemplos de uma voz e de visão pessoais, subjetivas ou



performativas como característica definitiva do ensaístico.” (Corrigan, 2015, p.21). Para concluirmos três características fundamentais podemos apontar a partir dessas reflexões sobre filme-ensaio na obra de Guedes na qual Corrigan destaca:

Construindo sobre estes e ampliando-os à luz da história e da teoria do ensaio literário, retorno à minha formulação do filme-ensaio como (1) um teste da subjetividade expressiva por meio de (2) encontros experienciais em uma arena pública, (3) cujo produto se torna a figuração do pensar ou pensamento como um discurso cinematográfico e uma resposta do espectador. (Corrigan, 2015, p.33)

*Entre nós* permite ver a nós mesmos, cada um, na busca de sua identidade, do seu corpo, de nossos corpos em seus sentidos mais amplos para questionar as práticas sociais, culturais e políticas, econômicas e conservadoras impostas por meio de representações e normas estipuladas, obrigadas, como se tivéssemos apenas uma forma de amar. É preciso falar de nós, sobre nós, o que queremos e o que somos. Para buscar entender e conhecer este “corpo” que possuo e assim respeitá-lo.

A professora do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC Miriam Pillar Grossi em seu artigo *Identidade de Gênero e Sexualidade* (1998) nos permite pensar nesta subjetividade, e que há possibilidades de produzir conhecimentos pelo diálogo entre uma pesquisa teórica e um produto audiovisual, como o filme-ensaio em questão. Vejamos a observação da autora, “(...) gênero é uma categoria usada para pensar as relações sociais que envolvem homens e mulheres, relações historicamente determinadas e expressas pelos diferentes discursos sociais sobre a diferença sexual.” (Grossi, 1998, p. 05), e complementa mais adiante, “Gênero serve, portanto, para determinar tudo que é social, cultural e historicamente determinado. No entanto, como veremos, nenhum indivíduo existe sem relações sociais, isto desde que se nasce.” (Grossi, 1998, p. 05). Para a autora, a experiência, então, é sempre subjetiva, e que nosso intuito é conseguir transformar o que é pessoal (subjetivo) em coletivo, social e histórico. E esse traço é fundamental para pensarmos a categoria de ensaio no cinema, Corrigan complementa que, “A característica mais comumente destacada do ensaístico é o ponto pessoal ou subjetivo que organiza as suas observações e reflexões, uma posição estrutural cuja atividade de autoquestionamento, creio, é uma das chaves para entender o distinto poder e complexidade do ensaio”. (Corrigan, 2015, p. 81).



*Entre nós* é possível fazer uma análise subjetiva do ponto de vista pessoal da cineasta para esfera pública sobre a homossexualidade feminina e como essas representações sociais inseridas no processo de construção de identidade, torna tão limitado e difícil este processo de “desconstrução”. Por exemplo, na primeira infância, a cineasta utiliza imagens de pássaros distorcidas para representar essa “falsa liberdade”, por entender que, a liberdade esta na infância, porém, reprimida (com as imagens distorcidas) por não compreender a estrutura social que é colocada à criança desde a tenra idade. Crescemos com uma imposição de ser menino ou menina, não nos deixam serem crianças, e em todos os espaços esses comportamentos sociais são replicados, como destaca Guedes, “As joaninhas perdidas no caminho curto de nossos braços de meninas” (Guedes, 2015).

Figura 6 – Infância *Entre nós*



Fonte: Frame do vídeo (01m06s)

Uma subjetividade expressiva, comumente percebida na voz ou na presença efetiva do cineasta ou de um substituto, tornou-se um dos sinais mais reconhecíveis do filme-ensaio, às vezes bem visível no filme, às vezes não. Assim como a presença da primeira pessoa muitas vezes se origina de uma voz e uma perspectiva pessoais, os filmes-ensaio caracteristicamente destacam uma persona real ou ficcional cujas buscas e questionamentos moldam e dirigem o filme no lugar de uma narrativa tradicional e frequentemente complicam a aparência documental do filme com a presença de uma subjetividade ou posição enunciativa pronunciada. (Corrigan, 2015, p. 33).

Ao nosso olhar, estas representações (repressões) neste filme-ensaio estão nessas inúmeras imagens distorcidas e não definidas produzidas pela cineasta durante todo o filme. É fundamental romper diversos conceitos do senso comum sobre Gênero e Sexualidade, dos



discursos baseados na padronização de normas heteronormativas e dos estereótipos da condição feminina.

A antropóloga social guatemalteca Dorotea Gómez Grijalva em seu artigo *Mi cuerpo es un territorio político* (2012) narra sua trajetória na busca de se conhecer e tornar o seu corpo um território político. Nessa estrada, os conflitos não estão guardados apenas dentro de si, mas também expostos em sua pele. “Através dessa experiência fui aprendendo a conhecer melhor a linguagem do meu corpo, a sentir e compreender minhas emoções e não a dominá-las com a minha razão cada vez mais fundamentada teoricamente<sup>9</sup>”. (Grijalva, 2012, p.16, tradução nossa). Vejamos a reflexão da cineasta “Você destoava da realidade do mundo em que a gente vivia”. (Guedes, 2015).

Figura 7 – Adolescência *Entre nós*



Fonte: Frame do vídeo (04m04s)

Assumir seu corpo enquanto território político nos possibilita compreender a sua es/história. “...é uma aprendizagem cotidiana e constante, que requer muito amor, força de decisão e coragem para renunciar ao que ameaça minha saúde corporal, espiritual e emocional. E desta maneira propus continuar a respeitar a particularidade do estilo rítmico e vibrante deste corpo que tocou a vida<sup>10</sup>” (Grijalva, 2012, p.24, tradução nossa).

<sup>9</sup> Citação original: “A través de esta experiencia fui aprendiendo a conocer mejor el lenguaje de mi cuerpo, a sentir y comprender mis emociones y no a dominarlas con mi razón cada vez más fundamentada teoricamente”. (Grijalva, 2012, p.16).

<sup>10</sup> Citação original: “...es un aprendizaje cotidiano e incessante, que há requerido mucho amor, fuerza de decisión y valor para renunciar a lo que atenta mi salud corpora, espiritual y emocional. Y de esta manera me proponho



Ao nosso olhar *Entre nós*, este filme-ensaio, fascinante explicita a importância de respeitar a particularidade deste meu corpo e transformá-lo em verdade. Não na verdade do “corpo suprimido” em virtude da razão, mas no estado de verdade do corpo enquanto um produto de emoções, sensações, de descobertas. E é esse corpo enquanto território político que devemos dar voz, e é essa voz interior da realizadora que sucumbe diante da repressão.

Guedes então, ao encontro de Comolli que nos propõe que, “Os filmes documentários não são apenas “abertos para o mundo”: eles são atravessados, furados, transportados pelo mundo. Eles se entregam àquilo que é mais forte, que os ultrapassa e, concomitantemente, os funda” (Comolli, 2008, p. 170). *Entre nós* atravessa o lugar do espectador, o coloca em suspensão, e desperta a verdadeira alteridade da razão, uma razão ínfima, mas, guardada no que há de mais sublime no que é humano. Como destaca Comolli, “Chame-mos essa parte de “a parte da arte”. Cabe a ela, hoje mais que nunca, representar essa estranheza do mundo, sua opacidade, sua radical alteridade, em resumo, tudo o que a ficção à nossa volta nos esconde escrupulosamente (...)” (Comolli, 2008, p.178).

O lesbianismo, então, é um ato de resistência, segundo Cheryl Clarke, em seu texto *Lesbianismo um ato de resistência* (1988), coloca a importância da mulher lésbica na luta por espaços de discussões. Em uma sociedade patriarcal e opressora, que há controle e opressão, é necessário que a mulher lésbica, tome posicionamento, em discussões, que são necessárias há séculos. Isso significa, fazer parte de todas as esferas sociais, citando Audre Lorde “Esta cegueira contínua entre nós só pode servir ao sistema opressivo dentro do qual vivemos”, (Clarke, 1988, p.04 apud Lorde, 1984, p. 64).

É uma de minhas esperanças como lesbiana-feminista que mais mulheres agora e no futuro, devido a nossa visibilidade, trabalho e energia, ponham mais valor nas suas relações com mulheres e elijam abertamente ao lesbianismo – como uma política, como um modo de vida, como uma filosofia e como um plano vital. (Clarke, 1988, p.08).

O corpo, como território onde o erótico age, é também capaz de produzir conhecimento. O corpo nos lembra constantemente quem somos, o que desejamos, o que nos nutre e em quais mundos possíveis a satisfação tem lugar para se espalhar. O gozo, em sentido

---

seguir respeitando la particularidade del estilo rítmico y vibrante de este cuerpo com que toco la vida”. (Grijalva, 2012, p.24).



estendido, como vingança, prazerosa e úmida, do saqueamento daquilo que temos de mais precioso: nós mesmas, nossos corpos.

*Entre nós* provocou em nós, todas as sensações possíveis. Talvez, por todas as dificuldades que impostam sobre nossa sexualidade. A imagem, a voz, os sons tão marcantes buscam uma integridade. Integridade por definição é o estado daquilo que está inteiro e que não sofreu qualquer diminuição. É neste sentido que utilizamos da palavra integridade. O ser inteiro ao buscar força e coragem, para transformar o silêncio em linguagem e ação. Sendo assim, como mulher e na busca de transformar o meu silêncio em ação, preciso ser e estar inteira. Íntegra com o que sou e quero.

“(…) Pois ao começarmos a identificar nossos sentimentos mais profundos é que desistimos de nos satisfazer com sofrimento e auto-negação, e o embotamento que tantas vezes parece ser a única alternativa a isso em nossa sociedade. Nossos atos contra a opressão se tornam íntegros com sermos, motivados e empoderados desde dentro”, afirma Lorde (Lorde, 1978).

Esperamos que a construção destas personagens femininas homossexuais, seja, no audiovisual, ou nos inúmeros eventos e ações pelo país e no mundo, produzem representações sociais, ao proporcionar situações reais do nosso cotidiano, que foram preconizados e podem expressar como os indivíduos sentem, assimilam, apreendem e interpretam o mundo dentro de seu cotidiano, sendo, portanto, produzida coletivamente na prática da sociedade e no decorrer da comunicação interativa.

Temos convicção que essas discussões, culturais, que tem estado presente nas últimas décadas, possibilitem novos rumos e pesquisas, para que outras e mais políticas públicas, venham a proporcionar mudanças e transformações na sociedade em que vivemos. *Entre nós*, sublinha de forma tão relevante, um olhar, não apenas entre nós, mas de fato, em nós.

### **Referências Bibliográficas**

CLARKE, Cheryl. Lesbianismo: um ato de resistência In: *Esta puente, mi espalda: voces de las tercermundistas en los Estados Unidos*. São Francisco, USA: ISM Press, 1988.

COMOLLI, Jean-Louis. *Ver e Poder: a inocência perdida: cinema, televisão, ficção, documentário*. Tradução: Augustin de Tugny, Oswaldo Teixeira e Ruben Caixeta. Belo Horizonte, MG: UFMG, 2008.

CORRIGAN, Timothy. *O filme-ensaio: desde Montaigne e depois de Marker*. Tradução de Luís Carlos Borges. Campinas, SP: Papirus, 2015.

*Entre nós*. Direção e Produção: Patrícia Guedes. Goiânia: Cinema e Audiovisual – UEG, 2015, 1 DVD.

FALQUET, Jules. *Romper o tabu da heterossexualidade: contribuições da lesbianidade como movimento social e teoria política*. Recife, PE: Cadernos de Crítica Feminista, ano VI, n. 5, dez. 2012.

GRIJALVA, Dorotea Gómez. *Mi cuerpo es un territorio politico*. Brecha Lesbica, Voces descolonizadas, Cuaderno 1, 2012. Disponível em: <<https://brechalesbica.files.wordpress.com/2010/11/mi-cuerpo-es-un-territorio-polc3adtico77777-dorotea-gc3b3mez-grijalva.pdf>>. Acesso em 20 out. 2017.

GROSSI, Miriam Pillar. *Identidade de Gênero e Sexualidade*. Florianópolis, SC: PPGAS/UFSC, Antropologia em Primeira Mão, n. 24, 1998.

LORDE, Audre. *A transformação do silêncio em linguagem e ação*. Sinister Wisdom, Vol. 6, 1978.

\_\_\_\_\_. Poema *Quem disse que era simples?* 1982.

TEIXEIRA, Francisco Elinaldo (Org.). *O ensaio no cinema: formação de um quarto domínio das imagens na cultura audiovisual contemporânea*. São Paulo, SP: Hucitec, 2015.